

DONA DOLOROSA¹

Noemi Pitanga

*“Que necessidade tem o
homem de buscar o que é
acima dele, quando ele ignora
o que lhe é conducente na sua
vida, enquanto dura o prazo
dos dias da sua peregrinação,
e o tempo que passa como
sombra! Ou quem lhe poderá
mostrar que é o que está para
suceder depois dele debaixo
do sol!”*

ECLESIASTES 7:1



[6]² O chicote caía sobre a carne martirizada de Dona Dolorosa, produzindo terrível efeito; da ferida aberta o sangue jorrava pelo chão, e os gritos abafados da pobre menina chegavam aos ouvidos da enferma, no quarto distante. A princípio, julgara que fosse o uivar do vento lá fora, em noite tempestuosa. A dor, porém, fora tão intensa e atroz que os gemidos tornaram-se gritos lancinantes!

A outra, ainda no delírio da febre, levantou-se como sonâmbula, a alva camisola até os pés; e, como estátua, estacou silenciada, os olhos

¹ PITANGA, Noemi. Dona Dolorosa. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XX, n. 35, p. 6, 28 ago. 1926.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

espantados ante a visão horrível. O pai não a pressentira, e mais uma chicotada vibrou no ar, maltratando Dona Dolorosa.

— Piedade, pai! — suplicou, agarrando com sua força de doente o braço rijo de Dom Silvério. No impulso da cólera incontida, os olhos injetados, esquecendo a criatura que era sua e que sofria pela dor alheia, bradou, levantando ameaçadoramente o instrumento de suplício:

— Tu, também?

Mas Suzana, pela fraqueza da doença ou porque nunca vira seu pai com a menor alteração de voz, embora indiferente e seco, caiu no chão sem um grito, inanimada.

Dom Silvério, atordoado, largara o corpo de Dona Dolorosa, tão severamente castigado, e este caíra como massa informe numa poça de sangue. Seu cuidado, sua ternura adormecida, despertaram, então.

— Filha minha!

Suzana não dava acordo de si.

Dom Silvério nunca pensara que Suzana, criatura débil, feita do mesmo barro humano, poderia, um dia, deixar a Terra e voar para o Além. Habitado a vê-la sadia, cheia de uma delicadeza emotiva, que lhe fugia à percepção, não imaginara sequer que um vento mais forte sacudisse-a e a carregasse longe. Agora seu pavor chegara ao extremo: Suzana, sua pobre Suzana, jazia quase morta, à violência de uma chicotada no corpo não menos débil de Dona Dolorosa.

Apanhou-a num desvairamento. A febre fazia-a delirar, pedindo que não tirassem junto ao seu o corpo martirizado de Dona Dolorosa. Que o açoite vibrasse e maltratasse e ensanguentasse a sua alma, mas poupassem Dona Dolorosa!



Dona Dolorosa... Sua história é simples como sua desventura. Nascida de pais que nunca lhe puderam dar o consolo de uma casa, fazê-la senhora desse lar sonhado, abandonaram-na um dia, depois de vários em que se misturaram a angústia de tê-la perdida para sempre, roubada aos seus carinhos de proletariados, e a incerteza martirizante de um futuro hediondo. Dona Dolorosa... Deram-lhe, então, o nome de Dona Dolorosa, substituindo ao outro, que não podia, que não devia ficar bem.

E ela habituara-se ao apelido que lhe parecia trazer aos ouvidos a harmonia de uma música divina.

Para Dom Silvério, fora uma surpresa, agradável surpresa que trazem os acontecimentos inéditos, o achado estranho à porta de sua casa, ainda madrugada, uma madrugada chuvosa e fria do mês de junho.

Para Suzana, fora alguma coisa mais: o imprevisto, a delícia de uma companheira, de uma amiga terna naquele solar deserto, acostumada à indiferença dos criados e à solicitude quase fria, como as noites sem estrelas, do pai e senhor.

Dom Silvério era seco, áspero e, possivelmente, mal. Morrera-lhe a dona desse casarão e sua melancolia transformara-se em indiferença, em desdém, depois, esquecendo que à sua ternura estava presa Suzana, cujo coração ingênuo ainda reclamava o abrigo de seu coração.

A saudade mudara o homem passivo e bom em verdugo.

Dona Dolorosa ficou sendo o sol que aquece e doura as plantas belas e frias, a luz salvadora que ilumina e faz brilhar as grandes coisas mortas.

Suzana queria-a, pois, com afeto que não admite restrições. Sabia-lhe ser reconhecida, e, nesse coração de pequenina mulher abandonada à correnteza da vida, encontrara a paz consoladora, a reciprocidade de um nobre querer.

O pai, porém, não nascera para perscrutar-lhe a maior sensibilidade, as grandes belezas secretas, a moral das almas perfeitas, e vingava-se, sacrificando Dona Dolorosa aos seus instintos de homem sem coração. E agora, porque a encontrara em um canto a chorar, a cabeça pendida em grande desconsolo, escondendo as lágrimas aflitas, maltratara-a duramente: lágrimas eram presságio de morte. Estariam anunciando já a morte da que se debatia em febre havia quinze dias?

Não compreendia, não podia compreender que essas pérolas silenciosas e quentes revelam dor que se não estanca, sofrimento que vive pelo sofrimento alheio...



Enquanto o luar lindo e frio sucedera à tempestade terrível dessa noite de junho, Dom Silvério dormia, depois de longas insônias, de vigílias sem trégua, ao lado da filha enferma. A doença declinara por completo? Sim, o médico declarara-a em convalescência. Cuidado, muito cuidado, para não sobrevir nova crise.

Dom Silvério poderia finalmente respirar. E mais, podia dormir tranquilo.

Nessa noite, porém, acordara sobressaltado. Parecera ouvir um rumor que vinha do quarto próximo. Levantou-se. Ante a visão do leito em

desalinho e vazio, um presságio doloroso tocou-lhe o coração. Os criados despertaram alarmados aos gritos do senhor colérico. Em vão procuraram, blasfemaram em vão: Suzana desaparecera!

Quando abriram a porta do terraço, desoladora surpresa apresentara-se-lhes ao olhar pasmado. O luar banhava maravilhosamente o corpo inteiriçado e frio de Suzana, que jazia imóvel, num abraço desesperado de piedade e despedida, ao corpo também frio e tão sacrificado de Dona Dolorosa, expulsa da casa do senhor na noite tempestuosa, em que, baixinha, com a cabeça pendente em grande desconsolo, soluçara pelo sofrimento alheio...



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga

Preparação: Malu Schocair

Comunicação Digital: Rebeca Riga

Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

